UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

PAULO HENRIQUE DE ANDRADE

MEMÓRIAS DA MINERAÇÃO:

História das Minas do Gogo nas memórias do Senhor Salvador Alves de Freitas

[Documentário]

Produto Jornalístico

Ouro Preto

2026

PAULO HENRIQUE DE ANDRADE

MEMÓRIAS DA MINERAÇÃO:

História das Minas do Gogo nas memórias do Senhor Salvador Alves de Freitas

[Documentário]

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Ouro Preto

2026

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA

INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Paulo Henrique de Andrade

Memórias da mineração:

História das minas do Gogô nas memórias de Salvador Alves de Freitas

Memorial apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel.

Aprovada em 27 de janeiro de 2023.

Membros da banca

Dr. Adriano Medeiros da Rocha - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto) Dra. - Lara Linhalis Guimarães - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Ms. - Anderson Medeiros da Rocha - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Adriano Medeiros da Rocha, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 23/02/2023.

Documento assinado eletronicamente por **Adriano Medeiros da Rocha**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/02/2023, às 09:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0478231** e o código CRC **FAD1F0D3**.

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3558-2275 - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me possibilita vencer mais esta etapa da minha formação acadêmica.

A Maria Goreti de Andrade, minha mãe, que sempre apoiou meus diversos trabalhos, projetos pessoais e educacionais ao longo de minha jornada de vida em busca da evolução conceitual e profissional.

A Simone, minha esposa, que me apoiou nos momentos mais difíceis da minha vida, me dando forças para prosseguir a minha jornada.

Ao meu orientador, Doutor Adriano Medeiros, que compreendeu a importância desse trabalho, sendo uma abordagem histórica com uma bagagem cultural social, do desenvolvimento de minas gerais, nas mudanças dos ciclos de exploração das *comodities* minerais, em uma abordagem desse filme.

Aos funcionários de base, como as serviçais da limpeza e da cozinha, dos seguranças, dos serviços burocráticos aos alunos, dos professores e diretores que compartilharam seus conhecimentos.

RESUMO

O tema do presente trabalho é a relação entre a história da vida do Senhor Salvador Alves de Freitas, suas memórias sobre as lembranças dos resquícios históricos, do modo de vida das pessoas que ainda habitavam as Minas do complexo do Gogo, hoje um bairro da cidade de Mariana. Nesse compasso, tem-se como objetivo geral construir um documentário perfil biográfico do Senhor Salvador Alves de Freitas, visando resgatar e imortalizar suas ricas e preciosas memórias sobre o complexo de Minas do Gogo e, como objetivos específicos: a) Compreender, metodologicamente, a produção de um documentário audiovisual perfil biográfico por meio de trabalho com a história oral e b) Compreender, por meio de entrevista com o Sr. Salvador Alves de Freitas observou, o processo da mineração no final século XIX e século XX, por meio de suas ricas e importantes memórias de sua infância, da história que ele pode ver sobre os ancestrais de muitas famílias que daqueles locais que ali ainda estavam, como elas viveram, e muitos de seus descentes ainda hoje lá estão, e habitam aquele bairro. A metodologia aplicada neste trabalho consiste em realizar levantamento bibliográfico histórico além de uma pesquisa de campo, sobre meio de entrevistas biográficas, sobre a história, da atual condição do Complexo das Minas do Gogo se encontram. Para fundamentar esse levantamento foi realizada primeiramente uma abordagem acerca dos conceitos de história oral, memória e documentário. Por meio das memórias do senhor Salvador Alves de Freitas foi possível compreender a realidade, os costumes e o passado histórico da comunidade de Gogo.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Mineração; Documentário. Minas do Gogo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6
Problema 6
Objetivos 6
Objetivo Geral 6
Objetivos Específicos 6
Justificativa 7
Estrutura do trabalho 8
1 HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E DOCUMENTÁRIO 9
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA MINERAÇÃO E DAS MINAS DO GOGO. 15
3 DOCUMENTÁRIO 18
3.1 Ideia e Pré-produção 18
3.2 Produção 18
3.2.1 Primeira sequência 20
3.2.2 Segunda sequência 20
3.2.3 Terceira sequência 20
3.2.4 Quarta sequência 21
3.2.5 Quinta sequência 21
3.2.6 Sexta sequência 21
3.2.7 Sétima sequência 21
3.2.8 Oitava sequência 21
3.2.9 Nona sequência 21
3.3 Pós-produção 22
CONCLUSÃO 24
REFERÊNCIAS 25

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por tema relação entre a história da vida do Senhor Salvador Alves de Freitas, suas memórias sobre as lembranças dos resquícios históricos, do modo de vida das pessoas que ainda habitavam as Minas do complexo do Gogo, hoje um bairro da cidade de Mariana.

Problema

Quais memórias o Senhor Salvador Alves de Freitas possui, e as guarda, sobre o modo de vida das pessoas que habitavam as Minas do Gogo?

Objetivos

Objetivo Geral:

Construir um documentário perfil biográfico do Senhor Salvador Alves de Freitas visando resgatar e imortalizar suas ricas e preciosas memórias sobre o complexo de Minas do Gogo.

Objetivos Específicos:

a) Compreender, metodologicamente, a produção de um documentário audiovisual perfil biográfico por meio de trabalho com a história oral;

b) Compreender, por meio de entrevista com o Sr. Salvador Alves de Freitas observou, o processo da mineração no final século XIX e século XX, por meio de suas ricas e importantes memórias de sua infância, da história que ele pode ver sobre os ancestrais de muitas famílias que daqueles locais que ali ainda estavam, como elas viveram, e muitos de seus descentes ainda hoje lá estão, e habitam aquele bairro.

Justificativa

Para que a história da mineração do complexo de minas do Gogo não se perca por falta de memória, visando a preservação da história e memoria daquele pelo tempo.

Recuperar por meio de entrevistas, as ricas e importantes memórias da mineração aurífera por meio das suas vivências, de uma testemunha relevante, sobre o modo de vida das famílias mineradoras do Complexo das Minas do Gogo, é importante para o resgate da história mineira, pela qual contribuiu para o desbravamento do restante do País.

As memórias e histórias do Senhor Salvador Alves de Freitas se constituem um precioso material documental das famílias que tiraram daquele local o seu sustento ao longo da vida, através da mineração, por meio da extração de ferro e ouro, para o desenvolvimento de um importante complexo de minas ao ar livre além de subterrâneas, nas altitudes das encostas das cordilheiras Minas Gerais, isto é, do Complexo das Minas do Gogo.

Sendo ele um hoje uma pessoa de idade avançada, além de morador que testemunhou o modo de vida das pessoas que ali viveram, ele sendo uma pessoa muito observadora, que veio migrando de outro distrito da região da Mariana, pode testemunhar e presenciar, que possibilitou ele a ter um grande ponto de vista muito imersivo e diferenciado, descobrindo uma visão de testemunho, uma pessoa de fora daquele local, que se transforma em um olhar aguçado e curioso, além de aprofundado, dessa realidade da vida daquelas pessoas que ali estiveram, e possibilitando colher de suas lembranças uma visão vinda do exterior, ele na época uma criança que veio, acompanhado seu pai da roça, em busca de novas oportunidades de trabalho em outras regiões, em busca de sobrevivência, fora da vida rural no campo, para uma vida industrial que estava em plena transformação, nessa mudança do paradigma semi industrial, para o um novo setor industrial de mineração aurífera, para o começo da mineração do ferro moderna, em maior abundância e extração, através das novas políticas extrativistas, e avanço das tecnologias de mineração da época, nesse processo de desenvolvimento acelerado do País, e suas transformações de um país agrário de extração de commodities agrárias para commodities de transformação mineral, no caso o minério de ferro, que estavam em plena transformação, a partir do declínio da extração do ouro na região, de uma outra realidade, esse choque visual qualifica ainda mais suas ricas memórias, através dessa descoberta e isenção na entrada nessa imersão histórica, através do seu testemunho, que ao longo da sua vida entrelaçaram com a história de vida dos moradores locais, por onde ali cresceu

desenvolveu e se casou, inclusive com mulheres que eram das filhas de um desses moradores, que também eram os filhos dos descendentes de escravos.

Estrutura do trabalho

Capítulo 1 – Abordagem acerca dos conceitos de história oral, memória e documentário e da contextualização histórica da mineração e das Minas do Gogô.

Capítulo 2 – Produção audiovisual sobre as Minas do Gogô a partir das memórias do Sr. Salvador Alves de Freitas.

1 HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E DOCUMENTÁRIO

A história oral é definida por Verena Alberti (2005) como um método de pesquisa histórica, antropológica e sociológica que privilegia entrevistas realizadas com pessoas que testemunharam ou participaram de acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como um modo de se aproximar do objeto de estudo.

> [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas [...] à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 2005, p.18)

Para Lucília Delgado (2006), a história oral é uma metodologia voltada para a produção de narrativas como fontes de conhecimento, ou seja, esse tipo de história transforma a narrativa em um processo compartilhado que abrange os seguintes elementos: estímulo ao narrar, ato de contar e relembrar a disponibilidade para ouvir.

> Fala, escuta e troca de olhares compõem a dinâmica desse processo único e essencial à vida humana, pois não se vive em plenitude sem a possibilidade escutar, de contar histórias e de se apreender sob a forma de conhecimento, ou melhor, de sabedoria, o conteúdo narrado. (DELGADO, 2006, p.23)

Ainda conforme Delgado (2006), tais narrativas incluem as narrativas históricas, distintas das narrativas épicas, míticas, as quais são atemporais. As narrativas produzidas pela história oral relacionam-se a um tempo pesquisável e pesquisado com referências cronológicas que tratam do tempo mais recente da humanidade. Nesse sentido, Alberti (1990) destaca que a história oral pode ser empregada em pesquisas a respeito de um passado não muito remoto, isto é, que possa ser alcançado pela memória de pessoas que dele participaram como testemunhas[1].

Essas testemunhas não se restringem a uma determinada classe social. Apesar de ser vista com temor por alguns historiadores que privilegiam os registros escritos por autoridades, que refletem o julgamento dos poderes existentes, a história oral possibilita um julgamento muito mais imparcial, uma vez que o historiador pode escolher como testemunhas, pessoas das classes subalternas, como os desprivilegiados e os despossuídos. “Isso propicia uma construção mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro [...].” (THOMPSON, 1998, p.26)

[1] Porém, a história oral também pode servir como fonte para temas não contemporâneos. (ALBERTI, 1990, p.4)

Deste modo, Elisângela de Jesus Furtado da Silva (2019) ressalta que a história oral torna a história mais viva, por meio da revelação de heróis ou heroínas em pessoas comuns e contribuindo para a construção histórica dos grupos sociais. Muito do que se conhece a respeito desses grupos foi construído com base nos métodos da chamada historiografia tradicional, a qual valorizava o registro escrito e o uso de fontes oficiais. A história oral rompe com o tradicional e oferece novas formas de se perceber a sociedade em suas particularidades.

Nessa linha de raciocínio, Samantha Castelo Branco (2020) afirma que a história oral permite a inclusão, no processo de conhecimento, de fontes esquecidas, ignoradas ou negligenciadas pela história oficial e por levantamentos oficiais orientados por registros escritos. Assim, as pesquisas realizadas a partir de fontes orais possibilitaram uma concepção ampliada em relação à definição de fontes "[...] sendo, então, possível a reconstrução de acontecimentos e, também, a construção de narrativas a partir da memória de pessoas que presenciaram tais eventos." (BRANCO, 2020, p.9)

Na atualidade, na área da História, a história oral é, segundo Silva (2019), considerada um método para construir dados historiográficos mediante a realização de entrevistas. No que se relaciona especificamente à entrevista, esta deve ser realizada por um entrevistador habilidoso, para que seja bem sucedida. Esse entrevistador deve reunir as seguintes qualidades: interesse e respeito pelo outro; flexibilidade na relação com a outra pessoa; demonstrar interesse e simpatia pela opinião do entrevistado e disposição para ouvir.

> Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas [...]. (THOMPSON, 1998, p.254)

Na perspectiva da história oral, a entrevista ganhou *status* de documento, mas não ajustado aos princípios da história positivista[2], ao contrário, trata-se de tornar a entrevista produzida como documento, deslocando o objeto documentado. "[...] não mais o passado 'tal como efetivamente ocorreu' e sim as formas como foi apreendido e interpretado [...]." (ALBERTI, 2005, p.19)

[2] Privilegia a narrativa dos fatos tal como se passaram, descrevendo-os e ordenando-os de forma cronológica. Tal história luta contra os ídolos ilusórios, buscando exercer um controle sobre a sua subjetividade, procurando estabelecer a verdade fiel e objetiva dos fatos do passado. (REIS, 2002, p.64)

A história oral, como enfatizam Júlia Silveira Mattos e Adriana Kivanski de Senna (2011), centra-se na memória humana e na sua capacidade de relembrar, de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido.

Conforme Jacques Le Goff (1990), a memória é a propriedade de conservar certas informações, constituindo-se um conjunto de funções psíquicas que permitem aos seres humanos atualizarem impressões ou informações passadas.

A memória, de acordo com Thiago Vales (2010), é uma construção psíquica e intelectual que conduz a uma representação seletiva do passado por um indivíduo inserido em um contexto social. Como ressalta Maurice Halbwachs (1990), o indivíduo participa de dois tipos de memória: uma memória individual, relacionada à sua vida pessoal e que se distingue de outras memórias e uma memória coletiva, correspondente a lembranças impessoais, na medida que interessam ao grupo social.

Essas duas memórias se penetram, pois, a memória individual pode se apoiar na memória coletiva para preencher algumas lacunas, mas ela segue o seu próprio caminho e a memória coletiva, por sua vez, envolve as memórias individuais, porém não se confunde com elas. Tem-se, então, duas memórias distintas, uma memória pessoal ou autobiográfica e uma memória coletiva ou histórica.

> A primeira se apoiaria· na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1990, p.51)

No entanto, como aponta Michael Pollack (1989), a memória individual e a memória coletiva podem ser conciliadas. Nesse sentido, Halbwachs (1990) destaca que, para a memória individual se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos apresentem seus depoimentos, é preciso que tal memória concorde com a memória coletiva e que haja pontos de contato entre uma e outra para que a lembrança que nos recordam seja reconstruída sobre um fundamento comum.

Analisando a memória coletiva, Pollack (1989) enfatiza que essa memória tende a ser abordada sob uma perspectiva construtivista, que tem por foco os processos e os atores que intervêm na constituição e da formalização das memórias. Tal abordagem se refere às memórias subterrâneas, distintas das memórias coletivas de Maurice Halbwachs e colocadas em evidência pela história oral.

Enquanto parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, as memórias subterrâneas se opõem à memória oficial, ou memória nacional. “[...] Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade [...].” (POLLACK, 1989, p.4)

Essas memórias subterrâneas, de acordo com Claudete de Sousa Nogueira (2013), não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos, como obras de arte e livros, sendo geralmente mantidas no âmbito familiar ou em grupos sociais marginalizados. Tais memórias podem vir à tona, se expressar, por meio da história oral, que cria condições para que elas sejam registradas mediante à produção audiovisual, especificamente o documentário.

O documentário é definido por Fernão Pessoa Ramos (2008), como o gênero onde o discurso fílmico traz enunciados que se caracterizam por asserções, ou seja, afirmações sobre a realidade. No documentário são realizadas asserções a respeito de vários aspectos do mundo que nos cerca. Desta maneira, o documentário se distingue da ficção pelo fato de possuir um modo específico de representação, formada por enunciados sobre a realidade, sobre o mundo, caracterizados como afirmações ou asserções.

> O discurso documentário seria uma narrativa com imagens, composta por asserções que mantêm uma relação, similar a esta, com a realidade que designam. E é neste sentido, que deve ser analisado em sua relação com o real que designa. (RAMOS, 2008, p.6)

Outra distinção, segundo Fernão Pessoa Ramos (2008) é a intenção do cineasta. Enquanto na ficção, o cineasta busca entreter o espectador, no documentário, ele tem por principal objetivo fazer como que esse espectador reflita sobre a realidade e o mundo vivido.

De acordo com Cássio dos Santos Tomaim (2019), o documentário consiste em objeto de estudo da História, uma vez que constitui em uma espécie de filme que se aproxima do discurso histórico, no sentido de que necessita de mecanismos comprobatórios que atribuam credibilidade, buscando convencer o espectador de seus argumentos pressupostos acerca do mundo vivido.

No entanto, segundo Cássio dos Santos Tomaim (2019), o documentário não possibilita acesso direto à História, pois é necessária a mediação do cineasta. Considerando que o passado histórico sobrevive na forma de fragmentos, vestígios, restos, é preciso que o cineasta junte os fragmentos e manipule testemunhos, com o intuito

de proporcionar a sua visão do passado. São as suas escolhas do cineasta que determinam o que deve ser lembrado e esquecido por uma memória coletiva audiovisual.

> É verdade que há várias formas ou modos de (re) apresentar o mundo vivido ou a realidade, como também há inúmeras maneiras de posicionar uma câmera diante de um acontecimento. Entretanto, não há regras de como representar o passado nos filmes documentários, há sim escolhas de como se dirigir a este passado, de como fazê-lo cintilar no presente. (TOMAIM, 2009, p.58)

Nessa linha de pensamento, Aline da Rocha Junqueira (2012) destaca que o passado é objetivamente inacessível e, desta forma, exige materialidade por meio do registro de fragmentos daquele passado e de memórias. Tal registro passa pelo crivo da criatividade e visão de mundo do cineasta.

Conforme Cássio dos Santos Tomaim (2019), o mais importante no documentário não é propriamente o que ele registra, mas sim como opera um discurso acerca do passado, levando em conta a tríade: registro *in loco*, criatividade e ponto de vista do cineasta.

> É do encontro do cineasta com os atores sociais que se procura reconhecer a "verdadeira imagem do passado", aquela que perpassa veloz, num instante como um relampejar, antes que ela desapareça para sempre. Imagens do passado que fixadas no suporte (seja película, digital, analógico) são justapostas ou associadas a outros elementos fílmicos (imagens de arquivo, fotográficas ou cinematográficas, reconstituições de acontecimentos, músicas e trilhas, etc) no intuito de compor a "voz" do documentário [...] Um indicativo do argumento do diretor a respeito do mundo vivido, portanto, de um presente que procura recuperar a memória viva do passado, mas agindo sobre ela. (TOMAIM, 2009, p.59)

O documentário então não pode ser concebido como um filme que reflete a realidade, a verdadeira imagem do passado e sim, como afirma Cássio dos Santos Tomaim (2019), enquanto constructo do mundo vivido. Assim, o documentário é uma produção que se preocupa menos com a representação verdadeira, fiel do passado e mais com as memórias que poderão contribuir para a reconstrução do passado.

No que se refere especificamente à memória, o documentário é um tipo de produção audiovisual capaz de instrumentalizar memórias; atualizar sentimentos e ressentimentos e constituir-se como espaço de reconfiguração de significados e experiências da identidade[3] de determinado grupo social. Considerando que memória e

[3] A identidade remete a algo de origem comum e é construída como um processo coletivo, ou seja, dentro do corpo social havendo a possibilidade de um processo de identificação a partir da subjetividade inerente ao ser humano. Nesse sentido, o grupo social pode construir noções de identidades, mas a percepção e identificação dessas se dá de forma individualizada. (SANT'ANNA, 2015, pp.4-5)

identidade são indissociáveis, Cássio dos Santos Tomaim (2019) destaca que o documentário serve a projetos de memória de determinados grupos, contribuindo para a busca identitária desses grupos.

> Nestes termos, o *documentário de memória* tem no exercício do passado recordado uma instância geradora de identidades. A experiência de assistir ao filme pode gerar nos espectadores uma cadeia de sentimentos e percepções e, dentre elas, o reconhecimento de determinados significados comuns referentes ao passado recordado (TOMAIM, 2019, p.122)

Nesse sentido, como ressalta Renata Farias Smith Lima (2006), o gênero documentário mescla memória e identidade, revelando através de imagens, texto e sons o cotidiano, a trajetória histórica e a cultura de determinados grupos sociais, podendo assim "[...] ser utilizado na contramão do discurso da homogeneização tão relacionado aos meios de comunicação de massa." (LIMA, 2006, p.277)

Enquanto protagonista de memória e identidade, o documentário consiste em um trabalho tecnológico que, de acordo com Joel Felipe Guindani (2017), permite a participação de determinados grupos sociais, que criam discursos e narrativas que lhes são mais possíveis ou apropriados.

> É nesta direção que a dimensão estática da memória e da singularidade identitária requer uma um olhar plural e não representa, portanto, uma ação meramente instrumental, que faz da tecnologia audiovisual uma prática desvinculada das demandas cotidianas. (GUINDANI, 2017, pp.102-103)

Pelo o que foi exposto, a narrativa oral, por meio do documentário, permite o conhecimento da história de determinadas pessoas e local, no caso deste produto, o Sr. Salvador e as Minas do Gogo, mediante as memórias de um de seus moradores. Mas, para maior compreensão dessa história, faz-se necessária a abordagem da mineração do ouro nas Minas Gerais, ao longo do século XVIII.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA MINERAÇÃO E DAS MINAS DO GOGÔ

Maria Efigênia Lage de Resende (2007) afirma que o ouro foi descoberto no território mineiro, por volta de 1693. André João Antonil (2007) afirma que o primeiro descobridor foi um "mulato" que, indo ao sertão com alguns bandeirantes em busca de indígenas, chegou ao Tripuí e, ao tirar água de um ribeiro próximo, percebeu que nela havia granitos da cor do aço. Posteriormente, esses granitos foram enviados ao Rio de Janeiro, onde constatou-se que se tratavam de ouro finíssimo. No entanto, como destaca Resende (2007), registros históricos apontam o bandeirante paulista Antônio Rodrigues Arzão como o primeiro descobridor do ouro nas Minas.

Mas, independentemente de quem tenha sido o primeiro a revelar a existência do ouro no território mineiro, tal revelação constituiu fator determinante para a ocupação desse território. Conforme Antonil (2007), a possibilidade de enriquecimento através da exploração do ouro motivou um grande número de pessoas (brancos, negros, pardos e indígenas) a deixarem suas terras para enfrentar os caminhos ásperos das regiões auríferas. Porém, em virtude da esterilidade do solo e da escassez de mantimentos, alguns dos primeiros aventureiros chegaram a morrer de fome.

Ao longo do final do século XVII e início do século XVIII, foram descobertas, segundo Resende (2007), minas de ouro nos sertões dos Cataguases, do Caeté, do rio das Velhas, do Serro Frio e do rio das Mortes. A partir dessas descobertas, surgiram arraiais, abastecidos através do desenvolvimento da agropecuária e do comércio. Ainda nessa época, buscando obter lucro com a exploração aurífera, a Coroa Portuguesa iniciou a montagem de um aparelho controlador e fiscalista nas Minas.

Na fase inicial da mineração, as jazidas exploradas, segundo Tânia Maria F. de Souza e Liana Reis (2006), pertenciam a duas grandes categorias: os depósitos de aluvião[4], onde o ouro é encontrado em partículas soltas (nos leitos dos rios e ribeiros), junto com cascalho, areia e terra; e os filões (grupiaras), onde o referido metal aparece em veios disseminados em rochas auríferas, isto é, nas encostas dos morros. Tanto nos depósitos de aluviões como nos filões, as explorações eram realizadas a céu aberto, com a utilização da mão-de-obra escrava do negro africano.

[4] Depósito de matérias orgânicas e inorgânicas deixado pelas águas e formado por cascalho, areia e lodo. (DICIONÁRIO *ONLINE* DE PORTUGUÊS, 2019, p.1)

A exploração do ouro de aluvião constituía, de acordo com Dejanira Ferreira de Rezende (2013), a opção mais fácil, uma vez que, não exigia instrumentos e nem técnicas sofisticadas, como aquelas necessárias para a extração aurífera nos morros. Tal exploração era feita mediante o uso de uma bateia (pequena peneira de madeira ou metal), para separar as pedras de ouro do cascalho presente nos rios. Para Jefferson Ramos (2019), apesar de barata, essa técnica não era eficiente, pois, para a obtenção de lucro, era preciso que o dono da mina utilizasse grande quantidade de mão-de-obra, a qual deveria trabalhar por longos períodos.

Em relação à extração do ouro nas encostas dos morros, os garimpeiros utilizavam a roda d´água para levar a água até as partes altas desses morros, onde havia ouro. "[...] Os garimpeiros ficavam na parte baixa, com a bateia, para encontrar o ouro que descia junto com a água e o cascalho." (RAMOS, 2019, p.1) No século XVIII, foram feitas tentativas, em algumas regiões das Minas, de mineração subterrânea com a finalidade de atingir filões mais profundos.

Nessas tentativas eram utilizadas, de acordo com Souza; Reis (2006), um aparelho hidráulico constituído por caçambas e que provocava desabamentos. Além do alto risco de desabamentos, essa técnica foi pouco utilizada, de acordo com Ramos (2019), em virtude dos elevados custos e da necessidade de mão-de-obra especializada (com conhecimentos de engenharia) para abrir buracos nas montanhas.

Entre os locais mais importantes de extração do ouro por meio de técnicas subterrâneas, destaca-se o bairro do Gogo[5], em Mariana. Conforme Valdir-Lamim Guedes *et al.* (2012), o ouro foi descoberto nesse local, em meados do século XVIII. No início, era explorado o ouro de aluvião. Frederico Garcia Sobreira *et al*. (2014) destacam que logo depois, foram construídas, as galerias subterrâneas (minas de ouro), com o objetivo de perseguir os veios mineralizados. Mais tarde, no contexto da abertura de companhias de mineração com capital inglês, a atividade mineradora passou a utilizar métodos mais sofisticados, especificamente nos trabalhos subterrâneos.

Na atualidade, existem várias ruínas na área onde o ouro era explorado, como residências dos proprietários das minas e de comércios próximos às minas. Também se

[5] Nesse local foi construído em 1712, uma capela dedicada à Santana (desmanchada na década de 1970). Daí o local é conhecido como Morro de Santana. Porém, também é chamado de Vamos-Vamos (em decorrência do apelido de um dos seus primeiros exploradores, o bandeirante Francisco Fernandes). No século XIX, esse local foi denominado de "Go Go", pelos ingleses que compraram as minas. (GUEDES; BRITO, 2012, n.p.)

verificam a presença dos buracos de sari[6]. Esse conjunto de ruínas, foi identificado no Plano Diretor de Mariana, aprovado em 2004. De acordo com Guedes *et al*. (2012), tal Plano previu a proteção legal do bairro do Gogo, para evitar a expansão urbana nessa localidade. Em 2008, o Decreto n° 4.481 viabilizou essa proteção, por meio do tombamento municipal.

Ainda segundo os autores em questão, o Gogo abriga várias famílias descendentes de pessoas que moraram na área da exploração aurífera. Nesse sentido, a comunidade deste bairro apresenta uma rica história mantida oralmente. O resgate dessa história será realizado nesta pesquisa através de um documentário audiovisual/ perfil biográfico, com base no depoimento oral de um morador dessa localidade, o senhor Salvador Alves de Freitas.

[6] Buracos verticais feitos geralmente por escravos africanos, para ventilar as minas e sair ("sari" na linguagem dos negros africanos) as pedras de ouro. (SANTOS, 2015, p.1).

3 DOCUMENTÁRIO

Primeiramente é realizada uma abordagem acerca de como surgiu a ideia do documentário e de sua pré-produção, com foco na escolha do personagem. Em seguida, trata-se da produção do documentário por meio de sequências e, por fim é abordada a pós-produção, destacando os desafios na realização do documentário e a importância do personagem para o conhecimento da história e preservação do local.

3.1 Ideia e Pré-produção

A ideia de estudar a história local surgiu durante o curso de História da Faculdade de Ciências Humanas do Vale do Piranga (FAVAP), em Ponte Nova, Minas Gerais. Posteriormente, ao cursar Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), teve-se a ideia de estudar a história das minas do Gogô, destacando a necessidade de preservação do local por meio da conscientização de sua importância histórica. Tal estudo seria realizado em forma de documentário no qual um morador antigo relataria, a partir de suas próprias memórias, a trajetória histórica da localidade, tendo por foco a atividade mineradora.

Esse morador foi descoberto em 2016, durante uma audiência pública na Câmara de Vereadores de Mariana, na qual uma professora do curso de arqueologia da UFOP discursava sobre seu trabalho a respeito das minas do Gogô, destacando as contribuições desse morador. Após o discurso, fui até ele, me apresentei e ele se apresentou dizendo que se chamava Salvador e que era um dos moradores mais antigos do Gogô. Então, falei de minha ideia e o convidei a participar do documentário e contribuir através de sua narrativa para o conhecimento de uma história que não está registrada nos livros.

Deste modo, o senhor Salvador constitui o personagem (único) do documentário. Nessa perspectiva, de acordo com Sérgio Puccini (2011) a abordagem de qualquer assunto deverá se valer de personagem para seu encaminhamento e elucidação. E, para que tal documentário consista em uma narrativa "[...] é necessário que esses personagens façam alguma coisa (ação) em determinado local durante um determinado tempo [...]. " (PUCCINI, 2011, p.38)

3.2 Produção

Para a produção do documentário foram utilizados os seguintes equipamentos: câmeras *DLSR Canon SL3*, *Gopro Heroe 6* e *Count HD* e formato de imagem 1920x1080.

A escolha de tais câmeras se justificou em virtude de sua portabilidade, ou seja, de fácil manuseio e segurança tanto do operador quanto do equipamento. Quanto ao formato, este é o mais utilizado no padrão de câmeras e usabilidade das plataformas de apresentação.

Nas tomadas da parte externa, não foi necessária iluminação, pois o personagem ficou sob a incidência da luz solar. Porém, nas tomadas da parte interna da Mina subterrânea, foram utilizados para a iluminação artificial três *leds* acoplados à câmera *DLSR Canon SL3*. Não foi necessário o uso de microfone externo devido ao alto nível de captação de áudio das câmeras. E, para não haver interferência do vento durante a gravação, foi feita uma biruta (de papel higiênico), colocada em arbustos referenciais do vento, pois trata-se de um lugar de alta altitude (aproximadamente 900m).

Quanto ao enquadramento, optou-se pelo plano de ¾ (a partir do tórax), plano total (corpo inteiro) e plano americano (a partir das pernas). Esses planos de enquadramento foram utilizados porque mais apropriados para a produção de documentários audiovisuais. Para Sérgio Puccini (2011), a variação de enquadramentos cria uma maior dinâmica visual para evitar a monotonia de um depoimento longo tomado em plano único, sem variação de enquadramento.

Mas como destaca Sheila Curran Bernard (2008), além do plano, para que o cinegrafista/documentarista enquadre as imagens mais significativas ou mais representativas é importante que ele esteja próximo do personagem, ou seja, que ele entenda e vivencie sua história.

A produção teve início em março de 2020 e foi realizada entre o Morro Santo Antônio e o Parque Arqueológico do Complexo das Minas do Gogô, na cordilheira da serra do Caraça, respectivamente entre 10 e 5km da cidade de Mariana. Essa produção foi estruturada em nove sequências. Conforme Sheila Curran Bernard (2008), a sequência é definida por uma coleção de tomadas e cenas que contam uma determinada história mais ou menos contínua de um acontecimento que constitui parte de uma história maior.

De acordo com Sérgio Puccini (2011), para o bom funcionamento da sequência, todas elas devem se relacionar com o assunto do documentário. Além disso, a estrutura do documentário por meio de sequências deve "[...] despertar e manter o interesse do espectador desde o início, passando pelo longo desenvolvimento do meio até a resolução e encerramento do fim. " (PUCCINI, 2011, p.50)

No decorrer das sequências, o personagem assume a figura de um narrador onisciente, que possui pleno conhecimento do local e de sua história, através das

memórias de sua vida. Desta maneira, como ressalta Bill Nichols (2013), a história e a biografia assumem a forma narrativa de modo não ficcional.

3.2.1 Primeira sequência

A primeira sequência começa com o percurso do Morro Santo Antônio em direção ao Complexo das Minas do Gogô, acompanhando o curso das águas utilizadas no processo de mineração. Nesse percurso foi feita uma tomada do personagem mostrando a caixa construída em pedra de canga para a captação de água, explicando a necessidade de preservação do olho d'água (nascente) nas atividades de mineração.

3.2.2 Segunda sequência

Nessa sequência, o personagem mostra a base do aqueduto construído em pedra de quartzito (muito comum na região) que ligava o bicame (canaleta de água), construído em madeira. A base do bicame servia de transporte de água da parte sul para a parte nordeste da cordilheira da serra do Caraça e, deste local para as grandes caixas d'água do Complexo das Minas do Gogô.

3.2.3 Terceira sequência

Esta parte consiste em uma apresentação do personagem contando sua vida e a história do local, por meio de suas memórias e da tradição oral. Nesse compasso o personagem conta sua chegada ao local e do primeiro contato com moradores descendentes dos primeiros habitantes daquela localidade. Em seguida, o personagem menciona a capela de Nossa Senhora de Santana, a qual passou por uma pequena reforma, e que foi desmontada e transportada para um local escondido. Depois de alguns anos ela foi encontrada e atualmente se encontra no Museu da Música de Mariana.

Pode-se verificar que, a subjetividade assume um papel fundamental para a análise da realidade e da história local. Assim, como destacam João Nunes da Silva e Anderson de Souza Alves (2011), a experiência individual expressa sentido e significado que e constituem em representações da realidade.

3.2.4 Quarta sequência

Na quarta sequência, o personagem parece representar a figura de um minerador dos tempos áureos da mineração, apanhando um punhado de pedras no chão, separando o minério desse material mediante uma bateia e mostrando pontos de ouro no fundo dessa bateia.

3.2.5 Quinta sequência

Esta sequência é realizada dentro de uma mina, cujas características e trajetória histórica são relatadas pelo personagem através de sua experiência como minerador e de seu conhecimento da tradição oral.

3.2.6 Sexta sequência

Nesta parte, já fora da mina, o personagem mostra uma das grandes caixas d'água que distribuíam a água necessária para a realização das atividades de mineração em todo o Complexo do Gogô.

3.2.7 Sétima sequência

Na sétima sequência, o personagem aponta a casa onde residiu o avô de sua esposa, o qual era descendente dos primeiros moradores da localidade. Observa-se que o personagem possui um vínculo com as fontes históricas do local.

3.2.8 Oitava sequência

Tal sequência é realizada no ponto mais alto do complexo, onde o personagem faz um relato sobre as primeiras famílias que chegaram ao local e muitas das quais migraram para outras localidades em busca de melhores condições de vida.

3.2.9 Nona sequência

Nesta nona e última sequência, é realizada uma tomada do personagem entre as ruínas da capela de Nossa Senhora de Santana, em contemplação, tendo por plano de fundo as montanhas que cercam a localidade. Nessa atitude de contemplação, o personagem parece evocar o passado marcado pela prosperidade no contexto do auge da

mineração nos tempos coloniais. Para ilustrar esse momento, é colocada a música "Tota pulchra es Maria", de autoria do padre José Maurício Nunes Garcia.[7] A música foi extraída do Canal "Musica Brasilis", disponível no Youtube.

3.3 Pós-produção

Grandes desafios foram encontrados para se produzir esse trabalho, a começar pelo tempo gasto na pesquisa dos conceitos de memória, história oral e documentário e também da contextualização da mineração nas Minas Gerais do século XVIII, destacando a tradição oral e a arqueologia do local pesquisado.

Outro desafio foi a visita ao local, situado em um terreno de difícil acesso, com diversos perigos envolvidos no ambiente, devido aos buracos de sari, que lá estão, por todos os lados; presença de animais peçonhentos e selvagens (como onças); dificuldade decorrente da altitude e perigo em se desbravar as minas subterrâneas. Além disso, pode-se destacar a falta de recursos que seriam necessários no ambiente onde foi realizado o documentário, como computador capaz de executar o programa de edição, cantil de água, corda, facão, lanterna, calçado e roupas adequadas.

Ainda houve o desafio relacionado à pandemia, a qual atrasou as gravações e fez com que as aulas ficassem suspensas por um ano e meio, para começar a trabalhar *online*, de modo precário, prolongando o tempo de produção deste documentário.

Ao longo desse tempo, pude observar que pessoas inescrupulosas que desejam invadir, ocupar, modificar o ambiente e construir casas se sentirem incomodadas com minha presença, em decorrência do fato de eu estar, ainda que de forma indireta, denunciando ações que impactam negativamente o local, comprometendo sua preservação.

Não obstante os desafios, o documentário contribuiu para enriquecer o conhecimento sobre as Minas do Gogô e, tal conhecimento justifica ainda mais a necessidade de preservação do local. Essa contribuição se deu principalmente pelos relatos do Senhor Salvador, de sua história de vida e do local. Diante disso, pode-se indagar: de que modo a biografia, tão singular e particular pode constituir em fonte histórica?

---

[7] Compositor fluminense (1767-1830). Um dos principais nomes da música erudita no Brasil. Autor de mais de 400 composições entre salmos, missas, motetes, antífonas e uma ópera. (ALMANAQUE ABRIL, 2000, p.225). Sua obra "*Tota pulchra es Maria*" ("Toda pura és Maria") constitui um hino religioso composto em 1783, para flautas e cordas. (MONTEIRO NETO, 2003, n.p.)

No caso desse documentário, a biografia do personagem se confunde com a memória e a história de toda uma coletividade, como por exemplo, o trabalho do personagem na “remineração” das galerias abertas (na parte de baixo) pelos escravos da Mina da Passagem. Essas galerias foram abertas pelos escravos e deixaram espalhados os montes de materiais (minério de ferro que contém ouro) e o sr. Salvador (com 15 anos) fazia com a família da esposa (de 3 gerações do local) o bateiamento para separar o ouro do minério de ferro e juntava o ouro e vendia (mas na época o grama de ouro tinha pouco valor). Verifica-se, então que, esse momento da vida do personagem foi comum ao de várias gerações que habitaram o Gogô.

CONCLUSÃO

No caso do presente documentário, as memórias do personagem se confundem com a história das Minas do Gogo. Nesse compasso, tais memórias se referem aos costumes, tradições, cultura e economia dessa localidade. Assim, fica respondida a questão problema inicialmente formulada.

Por meio da construção desse documentário, utilizando-se a história oral, foi possível resgatar a partir das memórias do Sr. Salvador Alves de Freitas, a história do Complexo de Minas do Gogo, especificamente do processo de mineração no final do século XIX e século XX. Desta forma, ficam-se atingidos o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho.

Em suma, o personagem deste documentário consiste em uma fonte viva, que assume o importante papel de agregar valor ao conhecimento das características das Minas do Gogo e de sua história.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História Oral**: a experiência do CPDOC: Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 1990.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMANAQUE ABRIL. Quem e quem na História do Brasil. **Padre José Mauricio Nunes Garcia** [verbete]. São Paulo: Abril, 2000.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2007.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário**. Técnicas para uma produção de alto impacto. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

BRANCO, Samantha Castelo. História oral: Reflexões sobre aplicações e implicações. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n.13, jan./jul. 2020. Disponível em:< https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/18488>. Acesso em: 13 mar.2021.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral e narrativa**: tempo, memória e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DICIONÁRIO *ONLINE* DE PORTUGUÊS. **Significado de aluvião**, 2019. Disponível em:< https://www.dicio.com.br/aluviao/>. Acesso em: 16 mar.2021.

GUEDES, Valdir-Lamim *et al*. Educação e apropriação local: o caso do sitio paisagístico e histórico do Morro de Santana. *In*: **Educação Ambiental em Ação**, n.39, mar.-mai. 2012. Disponível em:< http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1208>. Acesso em: 16 mar.2021.

GUINDANI, Joel Felipe. A produção audiovisual como protagonista de memória e identidade. *In*: SILVA, Marcela Guimarães; COUTINHO, Renata Corrêa (Orgs.). **Processos e práticas nas atividades criativas culturais**: reflexões e interfaces da comunicação e da indústria criativa. Santiago: Oliveira Books, 2017.

JUNQUEIRA, Aline da Rocha. O lugar da memória no documentário. **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Renata Farias Smith. Documentário, Turismo e Identidade – Um Olhar sobre a Ilhéus de Jorge Amado. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (Org.). **Identidade cultural e expressões regionais**. Estudos sobre literatura, cultura e turismo. Ilhéus-BA: Editora da UESC, 2006.

MATTOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte**: problemas e métodos. História, v.2, n.1, 2011. Disponível em:< https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>. Acesso em: 14 mar.2021.

MONTEIRO NETO, Antônio Campos. ***Tota pulchra es Maria*** **(José Maurício Nunes Garcia)**, 2003. Disponível em:< https://www.cpdl.org/wiki/index.php/Tota_pulchra_es_Maria_(Jos%C3%A9_Maur%C3%ADcio_Nunes_Garcia) >. Acesso em: 01 jun.2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas-SP: Papirus, 2012.

NOGUEIRA, Claudete de Sousa. **Memórias subterrâneas, histórias (re)visitadas**: a contribuição da metodologia da história oral em estudos de grupos étnicos, 2013. Disponível em:< https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/124745/ISSN1516-7658-2013-16-01-51-67.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar.2021.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**. Da produção à pós-produção. Campinas-SP: Papirus, 2011.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário?** 2008. Disponível em:< https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4688990/mod_resource/content/1/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>. Acesso em: 20 dez.2022.

RAMOS, Jefferson. **Extração do ouro no Brasil Colonial**, 2019. Disponível em:< https://www.historiadobrasil.net/brasil_colonial/extracao_ouro.htm>. Acesso em: 16 mar.2021.

REIS, José Carlos. A especificidade lógica da História. **Varia Historia**, n.27, 2002. Disponívelem:<https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572b56344c2f8564c3834291/1462457908901/03_Reis%2C+Jose+Carlos+dos+Reis.pdf>. Acesso em: 13 mar.2021.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. Itinerários e interditos na territorialização das Geraes. *In*: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.). **História de Minas Gerais**. As minas setecentistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

REZENDE, Dejanira Ferreira de. **Mineração nos morros das Minas Gerais**: conflitos sociais e o estilo dos pequenos exploradores (1711-1779). Dissertação de Mestrado. Mariana: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (ICHS/UFOP), 2013. Disponível em:< https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/3543/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_%20Minera%C3%A7%C3%A3o%20Morros%20Minas.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SANT'ANNA, Sebastião César Meirelles. Memória e identidade: discussões a partir do documentário The Flat. **Anais do Congresso Internacional em Sociais e Humanidades (CONINTER)**, 2015.

SANTOS, Leandro Henrique dos. O que é buraco de sari? In: **Jornal O Espeto**, 17/05/2015. Disponível em: <http://jornaloespeto.com.br/artigo/o-que-e-buraco-de-sari>. Acesso em: 16 mar.2021.

SILVA, Elisângela de Jesus Furtado da. **Entre vivências e lembranças de uma comunidade quilombola**: história, memória e discurso. Dissertação (Mestrado em Administração). Belo Horizonte: Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, 2019. Disponível em:< https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30848/1/Dissertac%CC%A7a%CC%83o%20Final%20com%20ata%20e%20ficha.pdf>. Acesso em: 13 mar.2021.

SILVA, João Nunes; ALVES, Anderson de Souza. Ator social e Personagem e suas Implicações no Documentário. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2011. Disponível em:< http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2459-1.pdf>. Acesso em: 01 jun.2022.

SOBREIRA, Frederico Garcia *et al*. Divulgação do acervo arqueológico mineração no período colonial em Ouro Preto e Mariana. In: **Revista Ciência em Extensão**, v.10, n.1, p.17-36, 2014. Disponível em:< https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/697>. Acesso em: 16 mar.2021.

SOUZA, Tânia Maria F. de; REIS, Liana. **Técnicas mineratórias e escravidão nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX**: uma análise comparativa introdutória, 2006. Disponível em:< http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A018.pdf>. Acesso em: 16 mar.2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TOMAIM, Cássio dos Santos. Documentário, história e memória: entre os lugares e as mídias de memória. **Significação,** São Paulo, v. 46, n. 51, p. 114-134, jan.-jun. 2019.

TOMAIM, Cássio dos Santos. O documentário como chave para a nossa memória afetiva **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 32, n. 2, jul-dez, 2009.

VALES, Thiago. **História e memória**: alguns conceitos, 2010. Disponível em:< https://www.webartigos.com/artigos/historia-e-memoria-alguns-conceitos/43200>. Acesso em: 14 mar.2021.